

# MAPPLETHORPE E A TRADIÇÃO CLÁSSICA

Diana de Abreu Dobranszky <sup>1</sup>

Robert Mapplethorpe and the Classical Tradition:  
Photographs and Mannerist Prints  
De 1o de julho a 24 de agosto, 2005  
Solomon R. Guggenheim Museum, New York NY

A exposição apresentada neste verão pelo Guggenheim de Nova York oferece ao espectador uma grande oportunidade de conhecer vários aspectos da obra do fotógrafo sem que as interpretações mais freqüentes de seu trabalho ocultem as suas demais preocupações formais. O homossexualismo e o perfeccionismo transparecem, mesmo que esse seja o primeiro contato com a produção de Robert Mapplethorpe, mas aqui não dominam o discurso sobre o artista.

Produzida em conjunto pelos museus Guggenheim (curadoria de Germano Celant, curador de Arte Contemporânea) e State Hermitage Museum de São Petersburgo (curadoria de Arkady Ippolitov, curador de Artes Gráficas Italianas), a exibição traz Mapplethorpe com todo o seu rigor artístico. O diálogo com as gravuras maneiristas do século XVI e com esculturas proporciona não apenas a determinação das diferenças entre a natureza de cada meio de criação, mas também possibilita a relativização das obras em si, na forma de um enriquecimento simultâneo. O método de comparação entre as artes tem sido usado há séculos para evidenciar diferenças, e essa exposição utiliza-se desse recurso.

No século XVI a preocupação da arte era a imitação da verdade e do ideal da natureza – o belo só viria a ser central para a arte em meados do século XVIII.

---

<sup>1</sup> A pesquisadora, aluna do Departamento de Mídias da Unicamp, está em Nova York realizando parte de seu estudo de doutorado financiado pela Capes com a bolsa de estágio de doutorando de um ano.

A arte era vista como um meio de trazer aos seus espectadores exemplos de conduta moral, e ao representar a natureza o artista deveria selecionar do que existe para criar uma outra natureza mais perfeita (ideal, no sentido platônico do termo). Ao mesmo tempo, a retomada da arte antiga na Renascença, modelo e auge de toda a arte ocidental para os renascentistas, fez com que a mitologia grega fosse adotada como tema em inúmeras obras do período - juntamente com os temas históricos de grandes heróis. As gravuras e esculturas vistas na exposição trazem esses temas da mitologia, assim como representações das virtudes e dos pecados. Essas referências são apresentadas na forma de alegorias e de signos <sup>2</sup>. Do mesmo modo, existia na arte o que se chamava *decorum*, ou *maneira*, que significavam a adequação dos personagens na representação. Era a preocupação com a verossimilhança: coerência de idade, vestimenta, atitude etc.

Ao juntarmos todas essas premissas podemos observar as gravuras e esculturas e entender o porque da perfeição dos corpos representados e a escolha dos temas. Colocadas ao lado das fotografias de Mapplethorpe (tanto de pessoas quanto de esculturas), estabelecem-se relações que nos auxiliam a ver semelhanças de conteúdo e de forma entre as obras, e simultaneamente perceber como cada *medium* explora suas potencialidades de forma diferente através de suas riquezas próprias.

O que aproxima as obras é o cuidado com a composição e distribuição dos corpos no plano e principalmente o aproveitamento da luz. Mapplethorpe sempre isola seus objetos de qualquer outra referência no espaço para poder extrair o máximo possível de volume apenas do que deseja fotografar. Como se para dar o efeito que quer (de tridimensionalidade) não desejasse qualquer outro auxílio se não sua própria dedicação à imagem. Ele mesmo comparou a fotografia com a escultura e dentre as obras expostas estão várias fotografias de esculturas cujo tema são deuses da mitologia grega. Mesmo suas fotografias de flores tão famosas são para ele puro trabalho de iluminação.

---

<sup>2</sup> Podemos lembrar que no século seguinte (XVII) a obra de Cesare Ripa "Iconologia" ilustra e descreve como deveriam ser concebidas personificações da justiça, da beleza, das virtudes e personagens da mitologia grega – um manual para os artistas.

Quanto à composição, vários paralelos são feitos entre as imagens fotográficas e gravuras, assim como com esculturas fotografadas pelo próprio fotógrafo, como por exemplo na aproximação entre “The Graces” de Jacob Matham baseado em Hendrick Goltzius do século XVI e “Ken, Lydia and Tyler” de Mapplethorpe de 1985. As obras demonstram regras clássicas de simetria, integração e coerência internas da obra, equilíbrio e graça.

A aproximação mais marcante foi a estabelecida entre o conjunto de gravuras intitulado “The Four Disgracers”, de Hendrick Goltzius, baseado em Cornelisz Haarlem do fim do século XVI (Phaeton foi a reproduzida aqui) e a série “Thomas”, de Mapplethorpe, de 1987. As fotografias fazem alusão às proporções do corpo humano de Da Vinci ao mesmo tempo em que dão ligeira impressão de movimento. E o movimento nos parece ser a grande preocupação das gravuras. São imagens fortes que colocadas lado a lado potencializam o efeito sobre o observador que, fascinado pela “coincidência” e beleza, percebe o quanto ambas as artes são próximas e como as preocupações dos artistas são semelhantes ao longo dos séculos.

Aproveitando-se das imagens desconcertantes de Mapplethorpe, os curadores estabeleceram uma equiparação também inusitada. “Caim matando Abel” de Jan Harmensz Muller, baseado em Cornelisz van Haarlem do século XVI, com “Dominick and Elliot”, de Mapplethorpe, de 1979. Os irmãos da história bíblica representados no momento do assassinato – Abel caído, desconcertado – e um suposto casal que tem prazer na dor. Essa dor entra como termo de comparação, assim como o amor.

A fascinação pela arte, e em particular pela escultura, é retratada na aproximação entre a fotografia de Mapplethorpe de uma escultura chamada “Lutador”, de 1989, e a gravura de Hendrick Goltzius “The Farnese Hercules”, a partir de estátuas antigas de Roma de 1617. Ambos os artistas tiveram a vontade ou até mesmo a necessidade de incorporar à sua obra a arte de outros. Seja como modelo, como exemplo de excelência ou como simples incorporação do belo. O paralelo entre “Torso Feminino”, de 1978, e “Lydia Cheng”, de 1987, por outro lado, mostra o estudo de luz e sombra de Mapplethorpe tanto na escultura como no corpo de sua modelo. Dando vida à escultura e solidificando o corpo.

Como elaborou Arkady Ippolitov em uns dos textos de apresentação do catálogo da exposição “ Images and Icons”, a imagem da mão torcida do artista como signo de esforço e trabalho foi explorada por Mapplethorpe e por Goltzius em momentos diferentes da história da arte. Coincidentemente compatível com nosso tema de pesquisa de doutorado, podemos traduzir da seguinte maneira: assim como as artes plásticas tiveram que se impor como Arte e vencer o preconceito com o trabalho manual (no século XVI a pintura, escultura e gravura eram vistas como trabalhos meramente reprodutores e não criadores), também a fotografia teve de alterar a percepção da fotografia como imagem mecânica para alcançar o status de arte.

Finalmente, "Robert Mapplethorpe e a Tradição Clássica" pode ser considerada uma exposição didática, não no sentido simplista do termo. Mas como um instrumento de esclarecimento acerca das formas de criação artística, de Mapplethorpe, e, porque não, da própria forma como se constrói a história da arte.

## Imagens



Mapplethorpe, "Mercury", 1986.



Mapplethorpe, "Italian Devil", 1988.



Jacob Matham baseado em Cornelisz van Haarlem, "Diana in the Clouds" século XVI.



Mapplethorpe, "Lisa Lyon", 1981.



Mapplethorpe, "Lydia Cheng", 1987.



Mapplethorpe, "Female Torso", 1978.



Hendrick Goltzius, "The Farnese Hercules" baseado nas estátuas antigas de Roma, 1592, datado de 1617.



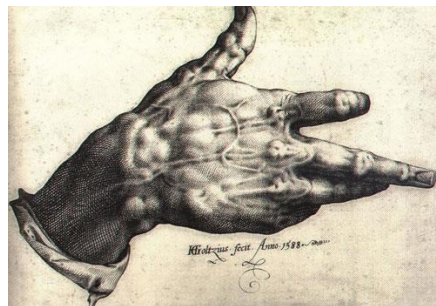
Mapplethorpe, "Wrestler", 1989.



Jan Harmensz. Muller baseado em Cornelis. Van Haarlem, "Cain killing Abel" século XVI.



Mapplethorpe, "Dominick and Elliot", 1979.



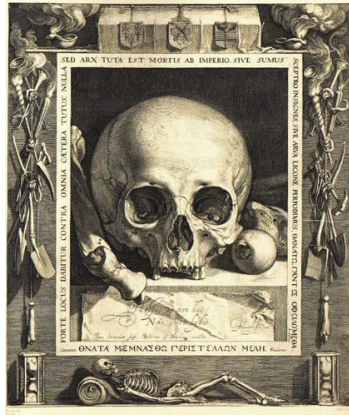
Hendrick Goltzius, "Study of a right hand; Goltzius's right hand" 1588.



Mapplethorpe, "Picture/Self-Portrait" 1977.



Mapplethorpe, "Skull", 1988



Jan Saenredam baseado em Abraham Bloemaert, "Alegory of Vanity", século XVI.



Jacob Matham baseado em Hendrick Goltzius, "The Graces", século XVI.



Mapplethorpe, "Ken, Lydia and Tyler", 1985.



Hendrick Goltzius baseado em Cornelisz van Haarlem, "Phaeton", from "The Four Disgracers", fim do século XVI, datado primeiramente de 1588.



Mapplethorpe, "Thomas", 1987.

### Citações do catálogo da exposição "Robert Mapplethorpe and the Classical Tradition: Photographs and Mannerist Prints "

- *"Quero que as pessoas vejam minhas obras primeiro como arte, em depois como fotografias."*  
Citação feita por Ingre Bondi, "The Yin and Yang of Robert Mapplethorpe", *Printde Letter* (Zurich) (Jan-Fev, 1979), p. 11.
- *"Se eu tivesse nascido cem ou duzentos anos atrás, talvez teria sido um escultor, mas a fotografia é um meio muito rápido de ver e fazer esculturas."*

Citação feita por Andrew Szegedy-Maszak, “A Distinctive Vision: The Classical Photography of Robert Mapplethorpe”, *Archaeology* (New York) 44, no 1 (Jan-Fev. 1991), p. 63.

- *“Quería que as pessoas vissem que até mesmo esses extremos poderiam ser transformados em arte. Bater essas imagens fotográficas e fazê-las de alguma forma transcender a imagem.”*

Citação feita por Bart Everly, “Robert Mapplethorpe”, *Splash* (New York) (Abril 1988), sem página.

- *“Só estou tentando estar perto de extremos.”*

Citação feita por C. S. Manegold, “Robert Mapplethorpe, 1970-1983: On the 1983-1984 Retrospective”, *Arts Magazine* (New York) 58, no 6 (Fev. 1984), p. 96.

- *“Não entendo como minhas fotografias são...fazer uma foto e sexualidade são paralelos. São ambos desconhecidos. E é isso que me entusiasma na vida – o desconhecido.”*

Citação feita por Mark Thompson, “Mapplethorpe”, *The Avocate* (Atlanta), 24 de Julho, 1980.

- *“Estudei pintura e escultura. Nunca realmente estudei fotografia enquanto estava na escola. A fotografia apenas incorporou-se a mim.”*

Citação feita por Lawrence Chua, “Robert Mapplethorpe”, *Flash Art International* (Milão), no 144 (Jan-Fev, 1989), p. 102.

- *“Eu me submeto ao meu objeto. O acompanho, relacionando minha personalidade com quem estou fotografando.’... ‘Não fotografo coisas com as quais não me envolvi.”*

Citação feita por Sarah Kent, “Mapplethorpe”, *Time Out* (Londres), Nov. 3-9, 1983, p. 12.

- *“Quando arte é pura arte, tem algo mágico nela. Ela transcende seja lá o que for, é algo que você não pode colocar em palavras.”*

Citação feita por Lawrence Chua, “Robert Mapplethorpe”, *Flash Art International* (Milão), no 144 (Jan-Fev. 1989), p. 103.